Acervo ISA

A crítica 12/10/97 C-6e7 Korubo 60

CORUBO

Equipe da Funai; na popa da canoa está o servidor Sobral

A reação selvagem que ataca e mata com porrete

Humberto Gomes

Índios que vivem totalmente isolados no Vale do Javari – área de 8.338.000 hectares que engloba os municípios amazonenses de Atalaia do Norte, Benjamin Constant, São Paulo de Olivença, Tabatinga e Jutaí – os corubos são temíveis.

Ao contrário de outros grupos indígenas (a Funai confirma a existência de pelo menos cinco etnias na região), que normalmente usam arco e flecha e lança, os corubos utilizam borduna, ou porrete. É o instrumento que empregam com rara habilidade e violência nas caçadas de animais ou, eventualmente, para matar o homem branco – considerado por eles como seu eterno inimigo.

Todas as tentativas já feitas até hoje pela Funai para contatar esses índios e romper seu auto-isolamento terminaram em tragédias. Foi assim em 1974, 75, 82 e 84. E voltou a acontecer no dia 22 de agosto último quando, na confluência dos rios Ituí e Itacoaí, mais um servidor da Funai, Raimundo Batista Magalhães, o Sobral, foi trucidado a golpes de porrete.

Os corubos têm fama, principalmente entre madeireiros, caçadores e pescadores da região, de serem "bárbaros e traiçoeiros": atacam sempre de surpresa e matam sem dó nem piedade. Também raptam crianças. Mas há também quem os defenda. O sertanista Sydney Possuelo, por exemplo. Respaldado por uma rica experiência de 28 anos de Funai, Possuelo, diretor do Departamento de Índios Isolados, diz que esses índios "vêm sendo extremamente perseguidos durante séculos" e, nessas circunstâncias, eles apenas "reagem a fatores de ataques sofridos e que lhes provocam um profundo sentimento de revolta".

Quem e quantos são os corubos? Como vivem? Quais os seus costumes? Por que sempre atacam e matam com porrete? Quais os planos da Funai para eles? Enfim, o que se sabe sobre esses selvagens?

Os corubos constituem um dos raros grupos indígenas em todo o mundo que ainda resistem a qualquer aproximação com a civilização tecnológica. Vivem inteiramente voltados para seu meio ambiente na selva. Sydney Possuelo, que passou todo o ano de 96 no Vale do Javari chefiando uma expedição da Funai destinada a manter contato com esses índios, informa que "a Funai se relaciona com cinco grupos indígenas naquele vale. Os corubos, que falam o grupo lingüístico *pano*, mantêm-se isolados do homem branco desde a época do descobrimento do Brasil. Ainda hoje eles vivem de maneira muito próxima à situação em que viviam os índios quando Cabral chegou ao Brasil. Na verdade, os corubos nunca mantiveram contatos – mas sim confrontos – com caçadores, pescadores, garimpeiros e madeireiros".

Para o administrador substituto da Funai em Atalaia do Norte, Teotônio Macedo de Almeida, que trabalha há 17 anos no Vale do Javari, "qualquer homem branco representa para os corubos um inimigo em potencial. Eles não diferenciam o homem da Funai do madeireiro, do garimpeiro ou de outro invasor qualquer: tudo é inimigo".

Ao que consta, foi mesmo descuido, ou excesso de confiança, o que possibilitou todos os massacres – ou a maioria deles – sofridos por servidores da Funai nas últimas duas décadas. "Os corubos não são um bando de vândalos selvagens que andam perambulando pelo meio da selva, de porretes nas mãos, estraçalhando crânios pelo simples prazer de fazer isso", adverte Sydney Possuelo. "Eles reagem a fatores de ataques sofridos ao longo dos anos e que lhes provocam um profundo sentimento de revolta. Quero dizer que houve erros cometidos pelas equipes das frentes de contato. Foram praticadas imprudências, normas de segurança foram deixadas de lado. Algumas dessas principais regras são: não visitar a maloca dos índios, não caçar nem pescar em seu território. Infelizmente o acúmulo de erros resultou em mais uma morte".

Teotônio Almeida também acha que houve imprudência. Ele estava no posto da Funai no encontro dos rios Ituí e Itacoaí quando um índio maiorunas chamado Daniel e um servidor da Funai de nome Joaquim levaram até aquele local o corpo do servidor Sobral, com a cabeça arrebentada pelas bordunadas dos corubos. E Teotônio quem conta: "Sobral foi atacado quando tirava uma fotografia de Joaquim junto com uma índia, à margem do rio Ituí. Tudo parecia calmo. O servidor e a índia estavam na praia, de costas para o rio. Um pouco afastado dos dois ficou o índio Daniel. Na orla da floresta, perto deles, um grupo de índios, aparentemente tranqüilos, observava a cena. Sobral precisou se afastar um pouco de Joaquim e da índia, para melhor enquadrá-los no foco de sua máquina fotográfica. Deveria ter pedido ao Joaquim para afastar-se um pouco na direção do rio. Mas, despreocupado, foi ele próprio quem recuou alguns passos, de costas, sempre com a máquina em punho, aproximando-se dos corubos. Esse descuido foi fatal. De repente, um índio pegou um porrete, que tinha deixado junto aos seus pés, e atacou Sobral, desferindo-lhe uma cacetada na cabeça. Quando o servidor caiu, outros índios também o atacaram, matando-o. Nesse momento, Daniel e Joaquim correram para a canoa, que estava ali perto, e fugiram pelo rio. Alguns corubos ainda jogaram seus porretes neles, sem os acertar. Depois, quando os índios se foram, Daniel e o servidor voltaram ao local e resgataram o corpo de Sobral".

Teotônio não acredita que a violenta reação dos corubos tenha sido motivada por sentimentos de ciúme. Da mesma opinião compartilha o administrador regional da Funai em Manaus, Benedito Rangel de Moraes. Para ele, "os índios isolados têm todos os homens brancos na conta de invasores, de inimigos. Assim, aquele ataque pode ser entendido como uma manifestação de instinto de autodefesa e vingança."

Índios flecheiros também matam

Existem no Vale do Javari outros índios ainda mais isolados que os corubos. A informação é de Sydney Possuelo. "Os índios flecheiros – assim por nós chamados porque, ao contrário dos corubos, que usam borduna, só fazem uso de flecha e arco e zarabatana – habitam as cabeceiras do rio Jutaí, no extremo oeste da Amazônia ocidental. Quase nada se sabe sobre essa etnia, seus hábitos e tradições – até sua autodenominação é desconhecida. Mas sabe-se que não são índios agressivos quanto os corubos. Isso não quer dizer que são pacíficos. Fomos informados de que os índios canamaris, que habitam uma aldeia chamada Queimada, no alto Jutaí, e com quem a Funai tem mantido contatos, estão baixando o rio, fugindo dos flecheiros, de quem já sofreram vários ataques. No final do mês de julho, um grupo de caçadores foi atacado pelos flecheiros nas cabeceiras do rio Jutaí. Os índios mataram os cães dos caçadores, quando os animais os atacaram. Houve outros ataques, em outras áreas e noutras datas..."

O sertanista fala de outros grupos arredios. "Nos municípios de Tapauá e Lábrea também existem índios isolados, segundo informações já confirmadas pela Funai, que mantém lá, há três anos, uma frente de contato. Até hoje ainda não houve aproximação ou contato físico com esses índios, cuja autodenominação desconhecemos. No Acre também existe um grupo de índios isolados. A Funai mantém ali uma frente operacional que já fez contato físico com esses indígenas."

Teotônio Almeida também já ouviu falar dos flecheiros. "Felizmente eles são menos agressivos que os corubos. Estes têm tido mais confrontos com os madeireiros e vivem perto do rio, enquanto aqueles habitam a área mais central do vale, dentro da selva, e usam arco e flecha. Se os flecheiros fossem tão agressivos quanto os corubos, já teria havido muitas mais massacres. Os corubos aparecem mais, já os flecheiros ficam mais centralizados na floresta. No caso de um conflito, os flecheiros não precisam se aproximar muito das pessoas, como acontece com os corubos, para desfechar um ataque mortal. Eles pegam de longe".

Fotos: Nicolas Reynold

Sydney Possuelo e os corubos: uma aproximação que parecia estar consolidada, mas foi suspensa a golpes de borduna

Na solidão bucólica do rio Ituí, o barco Waiká conduz a equipe de contato que tenta a aproximação com os corubos

Cadáveres perdem as canelas

A obra "Povos Indígenas no Brasil", publicada em 1981 pelo Centro Ecumênico de Documentação e Informação - Cedi –, lança alguma luz sobre as muitas dúvidas que ainda persistem sobre a vida e os costumes dos corubos.

"A história do contato entre os índios da confluência do Ituí com o Itacoaí e os civilizados não tem grande profundidade no tempo.

Em 1975, o regatão Oscar Gomes contou ao casal Melatti que uma vez, em 1928, um tio seu, mais um peruano e quatro ou cinco tucunas estavam em Coari. Um tucuna apanhou, na roça de índios (corubos) ainda sem contato, um cacho de bananas, três ananases e não sabe quantos mamões. Os índios vieram então atacar os trabalhadores (que deveriam ser em número maior que as pessoas citadas, uma vez que o tio de Oscar era capataz). A luta durou uma hora e morreram quarenta e poucos índios. A munição estava se acabando, os civilizados já queriam correr, mas os índios correram primeiro. Ao retornarem ao local da luta, para apanhar o material que tinha ficado lá, os cadáveres dos índios já tinham sido retirados.

Em 1934, no seringal Aliança, um pouco acima da foz do Coari, os índios mataram Antônio Mandim, que um dia, com medo, havia atirado contra eles.

Em 1975, o madeireiro Sebastião Guida contou aos Mellati que no rio Novo de Baixo (também chamado Novo de Humaitá) havia índios que outrora não atacavam. Há onze anos (logo, 1964) ele estivera lá num grupo de nove homens. Estiveram numa maloca. As mulheres e meninos correram, e eles ficaram sós com uma velha doente. Quando o chefe indígena chegou, mostrou-se zangado e eles correram. Mas não foram perseguidos, apesar de terem de dormir duas vezes em taipiris antes de alcançarem a canoa.

O sertanista Sebastião Amâncio Costa, em seu relatório de 1972, diz que havia casos de mortes desde 15 anos atrás. E ainda que, da infinidade de mortes e raptos, se limitava a citar casos concretos, descritos por testemunhas. E pelos casos que cita, nota-se que as agressões dos índios começam em 1968. "*Antes dessa data, João Bezerra trabalhou no igarapé São João com madeireiros, sem ser molestado, apesar da presença dos índios*" (o grifo é nosso, para chamar a atenção do leitor para a evidência de que os corubos só se tornaram arredios, "bárbaros e traiçoeiros" depois de serem agredidos pelo homem branco). O autor do relatório diz que isso ocorreu havia cinco anos, ou seja, em 1967. Porém, "em março de 1968, atacaram a residência de Raimundo Franco, levando uma menina de três anos e matando outra de seis meses, enquanto os adultos escaparam fugindo. Em agosto de 1968, incendiaram a residência de um seringalista, cujos moradores estavam ausentes. Em agosto de 19969, assaltaram a residência de George Ferreira, a duas horas de viagem abaixo do igarapé Marubo, matando-o e levando-lhe os ossos das canelas, enquanto sua esposa fugiu. Em 1971, Sebastião Luís, que trabalhava com madeira, foi encontrado morto nas margens do Itacoal, num lugar chamado Floresta, vítima de cacetes e lanças e também sem os ossos das canelas. E, em 1972, uma pessoa chamada Daniel estava pescando no rio Novo (de Baixo, por certo), quando foi morto a cacetadas e despojado dos ossos das canelas. Em todos os casos os acampamentos foram destruídos ou queimados, mas sem que os índios levassem os pertences das vítimas.

Nesse período (1972 a 1975), a Funai, através da instalação do Pia Marubo e do subposto Taboca (depois Pia Rio Branco) procura a aproximação dos índios.

A partir de 1980, madeireiros interessados em explorar madeira dentro da área indígena, empreendem a atração dos índios. A Petrobrás se prepara para fazer pesquisas na área".

Autodenominação é desconhecida

Um conhecido etnólogo da Funai, que viveu vários anos no Vale do Javari e que, por preferir ficar no anonimato, é aqui denominado Professor, diz que o nome "coruba" foi dado por outros grupos silvícolas da região. Ou seja, não é uma autodenominação do grupo tribal."A palavra "crububo" no dialeto maiuruna, significa homem machista, no sentido de bravo, dominador etcétera, mas a verdadeira autodenominação ainda é desconhecida".

De acordo com a pesquisa do Cedi, funcionários da Funai denominaram marubões os índios localizados na confluência dos rios Ituí com o Itacoaí, numa reminiscência do nome que até há poucos anos aplicavam a eles: marubo. "Um dos igarapés que freqüentavam foi denominado igarapé Marubo e o posto construído em suas proximidades, Pia Marubo. Entretanto, pouco a pouco o nome marubo foi sendo abandonado, uma vez que já era aplicado havia muito tempo a um grupo do alto Ituí e alto Curuça. Daí talvez a mudança para marubão. Deve-se evitar esse nome, a fim de sublinhar a distinção entre esses dois grupos indígenas. O sertanista Valmir Torres ouviu dos próprios índios a autodenominação kaniwá (*Informativo Funai: 1975*). Um nome que poderíamos usar, seria korubo, a denominação que lhes aplicam os índios matis. Mas quem pode garantir que não possa haver mais de um grupo tribal ao norte dos matis? Por conseguinte, usaremos, por enquanto, *só* a expressão *índios da confluência*. Vivem na região limitada pelo baixo Ituí, baixo Itacoaí e baixo rio Branco, tendo como limite meridiconal mais ou menos o paralelo 5º 40'S.

Não se sabe ainda o número de grupos locais desses índios e muito menos sua população. As estimativas variam de duas mil até duzentas pessoas, sendo provável que o verdadeiro número esteja mais próximo deste último."

Borduna faz a diferença

O Professor esclarece que "existe uma idéia generalizada de que índio tem que usar arco e flecha. Não é verdade. Há cerca de 200 etnias e nem todas usam arco e flecha, algumas preferem a zarabatana com a qual soproam uma seta, envenenada, que paralisa os movimentos motores das vítimas. O veneno utilizado é o curare, extraído da casca de certos cipós. Esse veneno também produz uma ferida que não cicatriza. Os corubos também utilizam a zarabatana, principalmente na caça, juntamente com o porrete. Mas eles preferem mesmo o porrete, inclusive quando fazem a matança de caititus e queixadas. Os índios saem para caçar em grande número, cercam uma manada de porcos selvagens e abatem dezenas deles a bordunadas. Na pesca eles também não utilizam flechas. Usam uma substância qui, lançada na água, retira-lhe o oxogênio matando os peixes. Outra arma utilizada, embora com pouca freqüência, é uma lança primitiva, que os corubos só empregam na caça e, ainda assim, como instrumento complementar da borduna".

Na obra do Cedi alguns registros se relacionam com os costumes dos corubos. "Um madeireiro que trabalhou no igarapé São João, paralelo ao igarapé Marubo, por volta de 1967, durante seis meses, viu vestígios várias vezes da presença de índios corubos, sem ser avistá-los e sem que estes fizessem mal aos madeireiros.

Nas ocasiões em que os índios visitavam o acampamento deles, deixavam ossos de pássaros fincados nos paus das barracas. Ora, o costume de deixar ossos de animais na cobertura das habitações é algo partilhado com os marubos, maiorunas e matis. Em mais de um caso se diz que era seu costume pôr os cadáveres das vítimas dentro das habitações e atear-lhes fogo (Costa: 1972a).

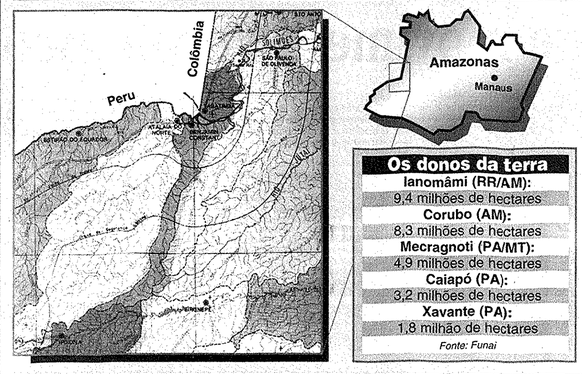
Praticamente nada se pode dizer da subsistência e economia desses índios, uma vez que ainda não se acham definitivamente atraídos. Como os demais índios da região, devem praticar a agricultura, a caça, a pesca e a colheita.

Uma arma característica dos índios da confluência é a borduna. Um funcionário que foi seriamente ferido por eles, em 1974, contou-nos que apareciam diante do posto sem nada nas mãos, mas arrastando as bordunas nos pés, para que não fossem vistas. Um outro diz que houve vítimas suas abatidas com lanças e cacetes e que esses índios desconhecem o arco e a flecha".

Para atrair esses índios foi criado o Pia Marubo, cuja instalação provisória foi concluída em 10 de fevereiro de 1972, na margem direita do rio Itacoaí, trezentos metros acima da foz do igarapé Marubo. "Em 2 de julho de 1973, os índios (calculados em apenas dois adultos e um menor) assaltam o posto, matam a esposa de um funcionário braçal e incendeiam a casa; durante o assalto, os brindes que um funcionário assustado atirava para os índios iam sendo destruídos a bordunadas; mas levaram dois machados e seis panelas. Para que os índios não queimassem o posto, este deveria foi instalado na margem esquerda, uma vez que os índios não costumavam atravessar o rio. Em 11 de agosto de 1974, durante uma distribuição de brindes, os índios mataram o funcionário Sebastião Bandeira e deixaram seriamente ferido um outro, Bernardo Müller Filho. No último trimestre de 1975, os funcionários Valmir Torres e Jaime Pimentel foram perseguidos pelos índios, sendo o último alcançado e morto".

E mais: "A amarração do pênis é comum a esses índios. Porém o uso de canoas de tronco de paxiúba, o plantio de cana-de-açúcar, a introdução de penas em orifícios no nariz e, sobretudo, os cabelos compridos até os ombros não parecem ser características de nenhum dos dois grupos - matis e corubos. Os matis raspam completamente a cabeça e os índios da confluência cortam os cabelos em forma de cuia embercada."

Onde vivem os corubos

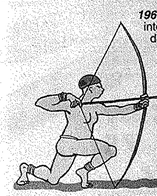


Os donos da terra

Ianomâmi (RR/AM):	9,4 milhões de hectares
Corubo (AM):	8,3 milhões de hectares
Mecragnoti (PA/MT):	4,9 milhões de hectares
Caiapó (PA):	3,2 milhões de hectares
Xavante (PA):	1,8 milhão de hectares

Fonte: Funai

Cronologia – Conflitos no vale do Javari



1966 – Desaparecem no interior da mata, no local denominado Cajueiro – rio Itacoaí, três homens. Suspeita-se *que foram mortos pelos índios.*

1966 – Desaparecem os senhores Manoel Maja e Deusdeth, quando foram cortar madeira no rio Novo.

1967 – Em setembro, ocorre ataque ao seringal "Fronteira". Morreram os senhores Joaquim Rodrigues e Raimundo Calixto. Local: boca do igarapé São Lourenço.

1968 – Em setembro é raptada a menina de 10 anos, filha do casal Albert e Amélia de Paula. Local: seringal "Fronteira".

1968 – Ataque de índios no rio Branco, local denominado "J", residência do senhor Raimundo Franco. No ataque, é morta uma criança.

1968 – É atacada a casa do senhor Alfredo. Nenhum morto, a casa foi queimada e as roças destruídas.

1969 – 05 de agosto: índios atacam o local denominado "Santa Fé", no rio Javari. Roubaram a filha da senhora Naila Abreu, uma menina de 9 anos, que se chamava Isa Lucas.

1969 – Agosto/setembro: índios raptam uma menina no rio Ituí, próximo do igarapé Marubo.

1969 – 22 de setembro: ataque a casa do senhor Nathan Angulo. Foi raptada a menina Vera Lúcia Angulo, de nove anos.

1970 – Abril: ataque ao seringal "Floresta", morrendo o senhor Sebastião Luiz da Costa, a cacetadas.

1974 – Índios atacam Pia Marubo e matam família do servidor Moisés.

1974 – No primeiro massacre de servidores da Funai, ocorrido na boca do igarapé Corrêa/Pia Marubo, morre o servidor Sebastião Bandeira. O servidor Bernardo Muller ficou deficiente físico e mental.

1975 – Maio: ocorre massacre na localidade "Maruim", morrendo o seringueiro Manoel Rosado, do qual os índios deixaram apenas a ossada.

1975 – Último trimestre: novo massacre no posto de atração da Funai no rio Itacoaí, morrendo o sertanista Jaime Sena Pimentel.

1979 – Índios atacam a casa de um seringueiro no rio Itacoaí, que escapou.

1980 – Índios matam o senhor José, na boca do rio Branco.

1981 – Índios matam um pescador na boca do rio Branco.

1981 – Os senhores Flávio Azevedo, Manoel Vicente e João Bezerra encontram um grupo de índios no rio Itacoaí, ao qual distribuem farinha envenenada.

1981 – 25 de junho: os índios voltam a atacar próximo a boca do rio Branco, matando o senhor Adalberto, ex-servidor da Funai.

1981 – Setembro/outubro: madeireiros a serviço do senor Manoel Vicente atacam um grupo de índios na localidade "Volta do Bindá". É desconhecido o número de índios mortos.

1982 – Maio: índios incendeiam a casa de um seringueiro, na colocação Purgatório, no rio Itacoaí, sem vítimas. No entanto, tem-se a informação de que, na oportunidade o senhor João Bezerra matou, a tiros, uma mulher e uma criança indígenas, ferindo outros.

1982 – Junho: os servidores Amélio Wadick Chapiwa e José Pacífico de Almeida são mortos a golpes de borduna, quando voltavam de uma pescaria.

1983 – Os índios sofrem novo ataque fatal, perpetrado pelo mesmo grupo de seingueiros.

1983 – Segundo semestre: índios matam, a flechadas, um trabalhador da Petrobrás, em pesquisa na região.

1984 – Setembro: atravessando o rio Itacoaí, grupo de índios chega ao acampamento da Petrobrás, matando a golpes de borduna o servidor Lindolfo Nobre Filho, da Funai, e o servidor da Petrobrás João Paia Caldas.

1984 – Setembro: índios matam um pescador no rio Ituí.

1984 – Índios flecham trabalhador da Petrobrás.

1987 – Oito famílias de seringueiros fazem sua mudança do seringal "Fronteira" para o seringal "Colon", devido a constantes pressões dos índios.

1987 – Julho: índios incendeiam casa de um seringueiro na localidade "Estirão do Cruzeiro", no rio Ituí.

1987 – Agosto: índios incendeiam a casa do seringueiro de nome Gentil, próximo à boca do rio Ituí.

1987 – Outubro: índios atacam acampamento de madeireiros no igarapé São José. Um madeireiro sai ferido. Em represália, o'a maloca dos isolados "flecheiros" é arrasada por expedição punitiva, no igarapé Jarina. Durante a ação, um madeireiro morre.

1987 – Ocorrência de conflito entre índios e madeireiros do senhor Castro Pinto. Morre a esposa de um madeireiro e uma criança.

1987 – O senhor Flávio Peres Castro Pinto reúne grupo de homens, que emboscca e mata um grupo de índios acampado na mata.

1988 – Agosto: grupo de índios é massacrado por madeireiros regionais liderado pelo senhor Santiago.

1989 – Setembro: grupo formado por seringueiros e pescadores mata e enterra três índios Korubo na localidade "Cachoeira" – confluência do rio Ituí com o Itacoaí. Um quarto índio fugiu, baleado. Há inquérito policial.

1991 – Expedição armada, liderada pelo madeireiro "Shem", adentra o território Korubo em busca de dois empregados desaparecidos quando cortavam madeira no rio Coari, à margem direita do rio Ituí.

1991 – 09 de Dezembro: encontrado apenas o crânio, com cabelos louros, de um dos madeireiros desaparecidos conhecido pelo apelido de "Dosa".

1992 – Índios matam dois madeireiros à margem do igarapé Alegria.

1994 – Índios matam funcionário da Cosama de Ataiaia do Norte, no igarapé do Pau. à margem direita do rio Quixito, próximo ao ponto pretendido pela Petrobrás.

1995 – Agosto: índios matam a cacetadas Guilherme Barbosa, à margem esquerda do rio Itacoaí.

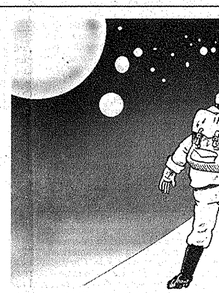
1997 – 22 de Agosto: após 10 meses do primeiro contato feito com os índios Korubo pela expedição da Funai no Vale do Javari, chefiada pelo sertanista Sydney Possuelo, esses índios atacam a equipe da frente, matando a bordunadas o servidor Raimundo Batista Magalhães – Sobral.

Obs.: o mais antigo registro de massacre contra os Korubo data de 1928, quando peruanos, juntamente com índios Tükuna, mataram mais de 40 índios desse grupo isolado.

Fonte: Funai/Departamento de Índios Isolados.

Entre sóis e sonhos

Sydney Possuelo



Raimundo Batista Magalhães, ou melhor, Sobral. Era assim que todos o conheciam. Paraense, quarenta e três anos, um metro e sessenta e três. Servidor da Funai como Auxiliar de Sertanista há mais de 20 anos. Moreno, cabelos lisos, Sobral tinha uma expressão facial que talhara no seu rosto um leve e permanente sorriso. Fala mansa, do tipo meio ausente, parecia sempre alheio às conversas, dissimulando como um bom caboclo a atenção que mantinha sobre tudo.'

Conhecia Sobral há dezessete anos. Durante este tempo fomos companheiros de muitas expedições, cruzando os sertões do Pará, Mato Grosso, Rondônia e Amazonas, abrindo centenas de quilômetros de picada. Jamais as estas nesce destruindo como um caracol as trilhas de sobrevivência; facão ponta direita dançando no ar ao som de seu próprio tilintar; suor ardendo os olhos, enclavinando nossas roupas cada vez mais e rasgadas, descendo pelo corpo, acumulando na botina aos pés... Varadouros... longas veredas que rasgamos no coração da grande selva!... Caminhos abertos ao sabor da nossa intuição conduzindo-nos ao encontro de índios isolados, os mesmos que "técnicos" de Brasília ou algures teimam não existir. Os mesmos que nos matamos!...

Juntos, navegamos os maiores rios da Amazônia e por pequenos igarapés subimos muito além do último ribeirinho, penetrando em terras onde o perigo estava na flecha ligeira ou na borduna escondida. Passamos o ano de 96 juntos, convivendo nos limites estreitos do nosso barco Waiká, onde agora estou, permitindo que a mão escreva os ditames do coração. O Waiká ainda está impregnado de sua presença nos pequenos detalhes dos seus cuidados, recordando vivamente nossas navegações, principalmente as noturnas, varando a névoa que sobre o rio dava ao ambiente um toque de sonho... Frias madrugadas em que o holofote do Waiká, perscrutando o rio, jogava nas margens sombras espectrais... Vivíamos uma vida simples e despojada, na qual a felicidade era produzida por coisas banais como, café quentinho na madrugada fria; o banho no rio que revigora a vontade; o aquecer do corpo ao pé da fogueira amiga; o descanso na rede após longa jornada...

O rosnar do motor era mais forte que nossas vozes, por isso éramos silenciosos, simplesmente deixavam-nos conduzir pelo vulto branco do Waiká ao encontro do nosso destino. Memórias tão vivas da realidade de ontem, transofrmadas abrupta e tragicamente em passado que me parece tão distante!... Será que a morte pode alterar o espaço, Sobral, colocando entre nós um tempo maior?

Sinto-me mais velho pelo acumular de tantas histórias tristes, dramas que a selva na sua dimensão e distância encobre.

Juntos, dividimos a farinha, palmilhamos os mesmos caminhos e corremos os mesmos perigos. Mas você foi na minha frente, chegando aí em cima primeiro. Não deu tempo de recolhermos o devia o seu trabalho e esforço. Mas não fique triste não. Aí em cima vai encontrar com muitos outros sertanistas e mateiros que antecederam você, com igual espírito para o propósito de vida. Reúna todos os companheiros, organize uma Frente de Contato, a maior de todas! Com todos os recursos com que sempre sonhamos! E como uma epidemia, em vários barcos branquinhos como o Waiká, entre sóis e planetas, navegue na Via-Láctea na direção da estrela mais brilhante! Abra uma picada no meio da paisagem mais bonita, onde o milho e macaxeira crescem sem plantio. Então você fará contato com centenas de Korubo que imolamos por força da cobiça e pequenez humana. Aomente junto a eles encontrarás as respostas que não sei, sobre os mistérios da vida e sobre os mistérios da morte.

É madrugaa e o sono não chega. Deito-me de costas na cobertura do Waiká. A esfera celeste pontilhada de luzes escoa lentamente os astros pra banda do ocidente, outros vão surgindo no oriente...

Rio Ituí, 26 de agosto de 1997

Interesses políticos incorretos

O relacionamento entre os homens ditos civilizados e os corubos tem sido sempre conflituoso. Menos por iniciativa dos índios e mais pela percepção que estes sofrem daqueles. Sydney Possuelo frisa que "o homem branco vem invadindo sistematicamente, há séculos, os territórios indígenas. Esses invasores – ticamente incorretos. E preocupa os vivem, e oferecer esse conhecimento – na maioria das vezes não se defrontam diretamente com os índios. Eles destroem as malocas dos índios quando estes não estão no local, destroem também suas roças. Naturalmente isso cria um ódio histórico nos índios contra o homem branco".

Na obra do Cide o assunto também parece destaque.

"Suas terras (ainda não demarcadas) constituem áreas invadidas. O rio Coari, cujo baixo curso percorre a área, há muito vem sendo trabalhado por madeireiros. O igarapé Marubo também está sendo trabalhado por eles. Vários seringais já invadiram as terras a serem demarcadas. Em 1975, o regatão Manoel Gomes mostrou um contrato em que Gentil Homem Amazonense lhe arrendava os seringais Natal e Ladário. Natal está na margem esquerda do Itacoaí, muito próximo da confluência com o Ituí; mas o seringal que fica justamente na confluência é o Triunfo, que se estende pela margem direita do Ituí até o ponto que está defronte à foz do igarapé Quebrados (situado na margem esquerda); daí para cima fica o seringal Sentinela. O seringal que sucede Natal, pela margem esquerda do Itacoaí, para cima, é o Valência. Por conseguinte, todos esses seringais estariam dentro da área do futuro parque".

A questão da não-demarcação das terras indígenas, que se arrasta por longos anos, encerra interesses políticos incorretos. E preocupa os defensores da causa indígena. "Este é de fato um grande problema", acentua Possuelo. "É preciso definir espaços onde o homem civilizado tenha limites de ação. Isso evita conflitos. Não é preciso demarcar a terra, para dizer que ela é indígena. A terra é indígena porque grupos humanos habitam all bem antes de o Brasil ser descoberto. Quando demarca, o governo está apenas reconhecendo o domínio dos índios sobre essas terras, pois o governo não dá a terra, mas está já é naturalmente deles". O sértanista vai ao cerne da questão. "O problema maior são os interesses econômicos sobre as terras indígenas. Esses interesses movimentam forças políticas locais para atrasar, dificultar ou impedir os processos de demarcação dessas terras. Por isso os políticos geralmente não reconhecem as terras indígenas como tal. Quando estive, ano passado, em Atalaia do Norte coloquei placas na área com os dizeres 'Território Indígena'. O então prefeito, anterior ao atual, mandou arrancar as placas. Um absurdo."

De volta ao vale

"A Funai mantém sete equipes de contato na Amazônia brasileira", informa Sydney Possuelo. "A finalidade do nosso departamento é buscar e proteger de alguma forma os índios isolados. Mas, num segundo momento estratégico igualmente fundamental, o objetivo é colher informações sobre esses índios isolados, onde estão, como vivem, e oferecer esse conhecimento como subsídio para o governo promover a ocupação dos espaços amazônicos de forma racional e sem conflitos. Não podemos repetir os erros do passado. Quando decidiram construir a Transamazônica ninguém pensou na violação dos grupos humanos que a estrada iria provocar. O mesmo aconteceu com a construção da Manaus – Caracaraí, que entrou em confronto com os índios uaimiris-atroaris. Naquele processo a Funai perdeu 73 servidores. No estado do Pará, também houve mortes envolvendo os índios araras e os assentamentos do Incra na região. Não queremos criar uma relação de dependência dos corubos com a Funai. A idéia é conquistar sua confiança, sua amizade, para que possamos desenvolver atividades de preservação do meio ambiente – inclusive em defesa dos próprios índios – sem temer ataques".

O sertanista adianta planos da Funai. "Não pretendemos mudar nossos planos com relação a esses índios. Vamos continuar buscando sua aproximação. No início do ano que vem certamente estaremos de volta ao Vale do Javari."